



CORPO E PERFORMANCE CONSTRUÍDOS NA ALTERIDADE: ESTUDO DOS CONTOS INÉDITOS DE MARIA DE LOURDES ABREU DE OLIVEIRA*

Moema Rodrigues Brandão MENDES[√]
Emânia Aparecida Rodrigues GONÇALVES^{√√}

RESUMO

O estudo de textos literários oportuniza uma abordagem crítica sobre o comportamento humano em um determinado contexto social. O objetivo deste texto é compreender como a narrativa da autora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira (1934-) enuncia um corpo feminino construído socialmente e problematiza a morte como uma possibilidade de libertação a partir de seus contos manuscritos e inéditos: **As duas faces** e **Suicídio**. O embasamento teórico deste estudo fundamenta-se, principalmente, nas considerações de Zygmunt Bauman, Michael Foucault, Elódia Xavier, Kathyn Woodward, Judith Butler, além de outros teóricos que dialogam com o tema em questão. Como um dos resultados do diálogo entre os dois textos citados, percebe-se que a alteridade presente nos contos está no corpo feminino do outro e, também, no corpo familiar. No que se refere à inércia do corpo performático como representação da morte não concretizada, em ambos os textos, busca-se

* Artigo recebido em 27/09/2020 e aprovado em 27/11/2020.

[√] Doutora em Letras (Crítica genética e crítica textual) pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), Pós-Doutoranda em “Memória e acervos literários” na Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), líder do GT “Arquivos literários: memória, resgate, preservação”, devidamente certificado pelo CNPq. Professora do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: <moemarbmenDES@gmail.com>

^{√√} Mestra em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <emaniarodrigues@yahoo.com.br>. Ambas pesquisadoras são membros do GT “Travessias e feminismos”, liderado por Nícea Helena de Almeida Nogueira (UFJF), devidamente certificado pelo CNPq.

compreender que, mesmo inertes, os corpos ainda não estariam libertos de um julgamento social. O artigo será dividido em duas partes: **Corpo e vida** e **Corpo e morte**. A primeira se aterá ao corpo feminino como uma construção simbólica da sociedade, fundamentada na representatividade das personagens principais dos contos, bem como a interferência do outro na vida das mesmas para a construção da identidade. A segunda parte problematizará a morte como possibilidade de libertação e o corpo como representação da matéria que carrega as marcas da condição social vivida pela adolescente Irene do conto **As duas faces** e pela mulher Claudelis do conto **Suicídio**.

Palavras-chave: Corpo e *performance*. Manuscrito literário. Conto. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira.

1 INTRODUÇÃO

A identidade como objeto de estudo evoluiu com o decorrer do tempo em consonância com as ciências que a estudavam. Apesar dessas mudanças de perspectivas, a relação entre identidade e memória sempre se manteve como indissociável influenciando uma a outra. (BRITO, Augusto, 2017,p.1).

A partir da recolha de textos manuscritos da escritora mineira Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, silenciados pelo tempo nos arquivos literários, foi possível selecionar duas narrativas curtas, produzidas em épocas distintas, mas que possibilitam uma reflexão atual da representação do corpo performático feminino, enquanto elemento social e o lugar que ocupa, ativo ou inerte, diante do julgamento crítico de uma sociedade complexa de padrões pré-estabelecidos, independente da época em que foram escritos. Os contos intitulados: **As duas faces** (1960) e **Suicídio** (1980) são, portanto, objetos de reflexão neste artigo.

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, mineira de Maria da Fé, conquistou vários prêmios importantes na área da literatura, como o prêmio *João-de-Barro*, com o livro **O menino da ilha** (2010), obra traduzida para o francês e inglês que, no momento, aguarda contrato de publicação em ambos os países. Outra

aquisição foi o prêmio *Bloch*, com o romance **Antigamente, no porão** (1968), seguido de diversas outras produções como alguns contos que, posteriormente, possibilitaram a organização da antologia, **Colar de contos premiados** organizado por Mendes (2006). A produção literária de Maria de Lourdes apresenta uma diversidade de gêneros tais como crônicas, contos, romances, ensaios críticos sobre teoria literária e outras indicadas para o público infantil e infantojuvenil.

Nascida no ano de 1934, a escritora constituiu família na cidade de Juiz de Fora na qual casou-se e teve dois filhos. Iniciou sua produção, seguida de publicação em 1957. Maria de Lourdes possui uma formação acadêmica significativa tendo graduando-se em Letras Clássicas, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); e concluído o Mestrado e o Doutorado em Ciências da Literatura, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Como educadora exerceu a função de professora na Rede particular de Ensino, em Juiz de Fora e na rede universitária após ter obtido êxito em um concurso na UFJF, na qual, ao longo dos anos, assumiu cargos importantes. Atuou como professora e coordenadora do programa de pós-graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, hoje Centro Universitário Academia, lugar em encerrou sua carreira de docente no ano de 2017.

Atualmente, dedica-se à Literatura e suas últimas publicações foram: **Os sete desafios no outro lado da ilha** (2017), o romance **Nem tão claro enigma** (2018) e conto **O garoto que tinha asas nos pés** (2018) – publicado em uma antologia com selo da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP/2018).

A obra de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira é ainda pouco conhecida no meio acadêmico, bem como a sua participação no cenário literário local, regional e nacional, por isso, percebe-se a necessidade de divulgação de sua produção, assim como a necessidade de trabalhar os prototextos de manuscritos inéditos que aguarda estabelecimento adequado para, então, disponibilizá-los para o público leitor, como para pesquisadores e estudiosos da obra da oliveiriana.

A escolha dos contos que são objeto de reflexão neste artigo, justifica-se por tratarem de uma mesma temática, que é o corpo feminino, porém, numa

perspectiva de classes sociais distintas e que apresentam uma discussão sobre a morte como uma possibilidade de libertação das personagens ficcionais que representam muitas mulheres não-ficcionais, bem como o reconhecimento da alteridade, enquanto elemento de formação da identidade, além do fato de que ambas as histórias têm como espaço da narrativa a cidade de Juiz de Fora. É a manifestação da memória na literatura e na cultura mineiras.

Os contos inéditos oliveirianos, em versão manuscrita, constituem parte do seu arquivo pessoal, doado em setembro de 2018, ao Museu de Arte Murilo Mendes, administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, (MAMM/UFJF) sob a tutoria e curadoria da pesquisadora Moema Mendes. Independente de qual concepção de memória, alteridade e *performance* que se tenha ou de quem a está estudando, não resta dúvidas de estes documentos de arquivo proporcionam legitimação do discurso identitário.

Considerando o fato de que os contos não foram éditos e se encontram em estado de inéditos apenas nos arquivos, julgamos necessário apresentar um breve resumo das narrativas selecionadas a fim de elucidar a temática explorada nas histórias, bem como possibilitar uma compreensão mais esclarecida das reflexões que os dois textos sugerem e permitem.

O conto **As duas faces** foi escrito em 1960. Trata-se de uma narrativa cuja personagem principal é Irene, uma adolescente de 14 anos, que estuda em uma escola pública de um bairro de periferia da cidade de Juiz de Fora. Marcada pela classe social que ocupa, a menina se distancia do seu mundo ao projetar na mulher que passa por ela na rua, uma grã-fina (de acordo com a descrição do texto), suscitando na pequena Irene o entendimento de que aquele modelo representava um ideal de vida perfeita. É possível perceber esse momento de ausência de si própria, na seguinte passagem do conto: “Irene seguiu-a, olhos de admiração. Moça mais linda! Até parecia que enxergava o mundo diferente” (OLIVEIRA, **As duas faces**. Juiz de Fora:MAMM, 1960. Não paginado)¹. Esta

¹ Foi adotada a sigla MSCa para a referência - OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **As duas faces**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, 1960. Não paginado. Manuscrito - já que cronologicamente é o primeiro dos dois contos analisados, produzido por Maria de Lourdes Abreu de Oliveira.

passagem nos permite apreender que a formação da identidade, alteridade e o seu discurso legitimador se tornaram elementos necessários para a compreensão das relações sociais vigentes (BRITO, 2017). Nesse instante de alienação, Irene é atropelada por um motorista de caminhão que não conseguiu frear diante da menina e fez com que a mesma voltasse à realidade do corpo que sofria.

O segundo conto, **Suicídio**, foi produzido em 1980 e tem como personagem protagonista uma mulher de nome Claudelis, típica representante da classe média alta, que mora em Juiz de Fora. Sua família havia viajado de férias para Cabo Frio, período no qual ela tentou suicídio sem êxito, porque foi impedida pela empregada da casa. Claudelis é mulher bem sucedida profissional e financeiramente, vivia questões pessoais causadoras de um vazio emocional que clamava pela presença do outro, pelo reconhecimento do outro de forma a preencher o vazio existencial no qual estava imersa. Esse foi o motivo de inquietação constante que fez com que a protagonista atentasse contra a própria vida. Este desenrolar narrativo permite visualizar o império do sentimento de não-pertencimento a um determinado contexto emocional. Este cenário rompe com as visões tradicionais do que é pertencer a certo modelo performático social a partir da crítica elaborada por um dos irmãos de Claudelis ao evidenciar a vida de conforto que a personagem desfrutava: “Suicidar a troco de quê? Moça bonita, desse bonito moderno, de cabelo bem penteado em cabeleireiro, magra por ginástica e sauna, roupa comprada em casa de modas. Que dinheiro nunca lhe faltou. Tinha bom emprego. Ganhava uma nota.” (MSCb)². Todos os bens materiais que possuía e a vida de luxo que levava não foram suficientes para proporcionar felicidade a Claudelis. Ela buscou na tentativa da morte, a libertação do corpo-alma que sofria. Sofria por quê? Sofria com a relação esvaziada com outras pessoas e com o mundo, que é um fator mediador dos símbolos culturais. Estes símbolos ganham destaque na concepção do sujeito sociológico que Hall

² Foi adotada a sigla MSCb para a referência - OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Suicídio**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, 1980. Não paginado. Manuscrito - já que cronologicamente é o segundo dos dois contos analisados, produzido por Maria de Lourdes Abreu de Oliveira.

(2001) vai chamar de visão interativa da identidade e do eu, ou, sintetizando, a interação do eu e a sociedade e as consequências da ausência desta alteridade.

Pode-se estabelecer, portanto, um diálogo entre os dois contos baseando-se no corpo que sofre pelas adversidades sociais, corpo de mulheres fragmentadas que apresentam uma identidade instável (Hall, 2001) que buscam no outro a felicidade efêmera. De certa forma, pode-se inferir que a mulher que Irene idealiza como perfeita poderia ser Claudelis que, aparentemente, pode refletir na imagem do corpo o ideal de felicidade, mas que carrega consigo outras mazelas que são socioemocionais, que a faz tão infeliz quanto Irene.

Após estes apontamentos breves e buscando um didatismo como critério de escrita, é importante retomar a informação de que o artigo será dividido em duas partes: **Corpo e vida** e **Corpo e morte**. A primeira se aterá ao corpo feminino como uma construção simbólica da sociedade, fundamentada na representatividade das *performances* das personagens principais dos contos, bem como a interferência do outro na vida das mesmas, contribuindo na construção da identidade. A segunda parte problematizará a morte como possibilidade de libertação e o corpo como representação da matéria que carrega as marcas da condição social vivida pela adolescente Irene do conto **As duas faces** e pela mulher Claudelis do conto **Suicídio**.

2 CORPO E VIDA

Não existe, nos sistemas de representações, uma posição neutra para o corpo, o corpo é sempre um signo ao qual se atribui significado. (COSTA, Sérgio, 2006, p. 28).

Nos dois contos selecionados, o corpo feminino é a representação da matéria humana que constitui o reflexo da condição social em que vive cada uma das personagens de acordo com a classe social que ocupam. Elódia Xavier, em sua obra **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino (2007) enfatiza que

a corporalidade feminina, considerada frágil e vulnerável, é muitas vezes utilizada para justificar as desigualdades sociais e o seu (des)-lugar no mundo.

Nas histórias apresentadas, o corpo vivo é a busca constante da alteridade para preencher as inquietações que as personagens Irene e Claudelis têm nos elos da vida. É o corpo vertical que se movimenta e que representa simbolicamente o lugar e as relações a que as duas mulheres estão expostas na sociedade em que vivem e que são julgados pelo comportamento de ambas, já que “o corpo é uma construção social, uma representação ideológica” (XAVIER, 2007, p. 21).

No início do conto **As duas faces** uma intervenção de uma professora – “Fique quieta sua tarada!” – (MSCa) – evidencia um corpo não domado, indisciplinado, que determina a personalidade de Irene perante o convívio social do ambiente escolar. O adjetivo, **tarada**, revela, ainda, um corpo que anseia, não no sentido da sexualidade apenas, mas no sentido das inquietações que Irene demonstra ao longo da narrativa, bem como o lugar social que ela e seus familiares ocupam quando estes também são identificados como tarados. Ao discutir com a professora, Irene diz: – “Pois todo o mundo chama a gente de tarado” – (MSCa). Essa rotulação não era realizada pelos diferentes da família de Irene, mas, sim, pelos pares da mesma comunidade. A menina ainda enfatiza: – “Os vizinhos da outra rua em que nós moramos fez greve contra a gente. Não emprestava um nada. E boicotava tudo que era da gente. Até que nós se cansamos...Disseram que a gente era família de tarado...” – (MSCa). O adjetivo “tarados”, portanto, demarca um comportamento excludente perante a sociedade, porém, é assumido por Irene que conclui sua fala com a professora: – “Mas eu só tou querendo dizer que a senhora acertou. Sou tarada mesmo. Os vizinhos lá do Arado já quer que a gente se mude...” – (MSCa).

Para a pesquisadora Kathryn Woodward, “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (2000, p. 15). A construção da identidade da personagem Irene, determinada pelo meio social em que vive, demonstra uma categorização do indivíduo a partir da coletividade.

De acordo com Zygmunt Bauman (2005), definir uma identidade é algo inquietante que gera graves preocupações e agitadas controvérsias, pois as pessoas procuram definição para algo que se constrói na infinitude da vivência humana. Diante de tal teoria, é possível compreender que a identidade do ser humano deveria ser uma construção diária e individual, independente do seu pertencimento a quaisquer que sejam os grupos sociais. Para Bauman, a ideia de “ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa” (2005, p.17-18). Diante de tal pensamento teórico, é possível afirmar que Irene é a representação da ausência de identidade, negação da individualidade por pertencer à subclasse da sociedade. Sem voz e sem o direito de construir e ocupar o seu próprio lugar, Irene é definida como **tarada** pela coletividade e por ela própria, uma vez que não consegue mudar esta visão do outro sobre ela.

O corpo vivo de Claudelis é visto como o oposto do corpo de Irene se comparado a um robô no convívio com o outro, ou seja, o corpo domado, mecânico, controlado. Claudelis, em determinado momento da narrativa, faz uma reflexão a respeito de sua própria existência: – “Seria tão bom se todo o mundo fosse robô. Quer dizer, todo o mundo já era meio robô numas coisas. Robô tem princípios? [...] a sua família era cheia de princípios” – (MSCb). Claudelis se identifica robô e reconhece sua família como tal. Opostamente a característica de tarados que define a família de Irene, a família de Claudelis tem princípios e se preocupa com a virgindade do corpo feminino. Assim, alcançamos que o entendimento das identidades não se limita às concepções subjetivistas ou/objetivistas. A relação entre diferentes grupos em si e a afirmação de distinção entre eles dentro de um jogo de poder, devem ser constantemente considerados e reavaliados (CUCHE, 2002).

Pode-se verificar tal pensamento no seguinte fragmento do conto **Suicídio**: – “Isto é que é o diabo. Enchia. Também este negócio de virgindade já estava mesmo caindo de moda” – (MSCb). Princípios esses que a incomodavam por ter que seguir e representar um padrão social pré-estabelecido. Ainda sobre os princípios morais e padrões estabelecidos, a personagem declara: – “Decepção

mesmo no duro foi o dia que teve que pagar a conta da boate. Sentiu-se revoltada. Pagando homem! Eram os diabos daqueles princípios. Se ao menos fosse robô!” – (MSCb). Diferente de Irene, Claudelis não vivencia a exclusão social, mas se sente excluída do padrão definido para o lugar que julga pertencer. A essência da identidade de Claudelis também é marcada pela sua classe social, porém, os princípios morais que norteiam o convívio dessa personagem lhe possibilitam a livre escolha na construção da sua identidade.

Bauman (2005) defende que “num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à sua própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo” (2005, p.44). Ou seja, o fato de Claudelis pertencer a uma classe social de prestígio dá a ela uma *performance* de escolha na construção da sua identidade, enquanto que Irene tem essa *performance* negada, pois pertence ao outro pólo, o qual não é permitido a manifestação de suas preferências. Irene é oprimida por identidades aplicadas e impostas por outros, “identidades [de] que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...” (BAUMAN, 2005, p. 44).

Segundo Woodward, “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2000, p.39). Pode-se observar essa marcação da diferença na descrição do corpo das personagens Irene e Claudelis. O corpo feminino da adolescente Irene é a representação social de uma identidade construída pela pobreza, um corpo mal cuidado com uma aparência que revela um corpo marcado pelo estereótipo de uma classe social que carrega consigo os estigmas de uma raça, marcada historicamente; comprovada pela seguinte descrição extraída do conto **As duas faces**:

A professora examinava-a. Examinava-a como se nunca tivesse visto antes. Desde os cabelos lisos e pretos, trançados, sempre uma trança desmanchando-se, a ponta fortemente atada por uma fita vermelha, até os pés minúsculos e encardidos. Aliás ela era toda miúda para os seus

catorze anos, marcados no livro de registro. Corpo magro, onde já se desenhavam os esboços dos seios, que ela procurava esconder, encurvando os ombros. Em toda a sua figura só havia mesmo os dentes. Brancos demais contra o tom azeitonado da pele. Mostrando-se maus num esgar de riso (MSCa).

Já a personagem Claudelis tem um corpo feminino que demonstra o cuidado com a aparência física, que simboliza o belo, o idealizado, o corpo que representa uma classe social elevada, de prestígios e respeito.

Moça bonita, desse bonito moderno, de cabelos bem penteados em cabeleireiro, magra por ginástica e sauna, roupa comprada em casa de modas [...]. Mas dava pra se vestir bem, freqüentar a Fisiotrel, com ginástica, massagem, sauna e essas bobagens, ir a cabeleireiro toda semana, passear nas férias [...]. Já carregava dobrado na maquiagem. Vivia na Fisiotrel tirando celulites. Diabo, pra que existia celulite? Chegou até a fazer peeling.[...] (MSCb).

A representação do corpo de Claudelis é o que provavelmente seduz Irene ao observar a mulher que passa por ela na rua. O corpo feminino bonito, branco, de cabelos loiros, delicado, comportado e bem vestido. Essa constatação pode ser observada no momento em que Irene se vê deslumbrada pela mulher que passa, no seguinte fragmento do conto, **As duas faces**: – “A última saia azul vislumbrada a dois quarteirões de distância” – (MSCa), abre-se um abismo entre o mundo que vive e o mundo que sonha, porém a realidade a desperta daquele momento de alienação quando ela esbarra na mulher e esta se dirige a ela – “Não enxerga não, criatura!” – (MSCa) – “Menina mal educada!” – (MSCa). Neste instante Irene sente – “Uma dor, um desespero por pertencer ao seu mundo e não poder alijá-lo” – (MSCa).

Michel Foucault (2019[1979]) defende que o grande fantasma da distinção de classes é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades, ou seja, padronizado e pré-definido. Segundo o filósofo, “não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 2019, p.235). Neste sentido, pode-se compreender que Irene sofre na sua condição submissa e inferiorizada assombrada pelo “fantasma” da distinção de classes materializado

por meio das diferenças refletidas no corpo de mulheres que ocupam lugares distintos na sociedade.

Desse modo, podemos dizer que as referências tradicionais utilizadas como parâmetros para a definição de alteridade como nação, etnia, gênero e sexualidade, não são mais os únicos elementos definidores de identidade. Estas mulheres tendem a definir seu lugar social, delineando as suas relações com os outros. Relações de poder e reconhecimento.

2 CORPO E MORTE

A morte parece ser a possível solução dos problemas de angústia por que sofrem os corpos das personagens Irene e Claudelis. Para Elódia Xavier, “Durante a vida, mente e corpo formam uma unidade indissolúvel que, com a morte, é rompida, tendo a alma sua imortalidade garantida enquanto o corpo vira pó” (2007, p. 17).

Diante do pensamento da autora Xavier (2007) de que o corpo morto perde a representatividade, observa-se no conto **As duas faces**, que a morte é problematizada como o corpo agitado e tarado que é domado. Nesse conto, a morte seria acidental, não programada, que marca a interrupção de um anseio. O corpo domado não é explicitado para o leitor como um corpo morto, mas um corpo que pode vir a ser silenciado. Um corpo na horizontal. Fato que pode ser observado em: – “Tão distraída, é claro, não podia ver. O chofer do caminhão também não conseguiu frear. Foi sendo arrastada, deixando por seu caminho um rastro vermelho.” – (MSCa). A cena descrita reforça a ideia do corpo sofrido, que representa uma classe marcada por sua condição social, principalmente quando Irene é questionada por quem a socorre se está sentindo dores e ela responde: – “Doendo nada, moço. Até que nem. Tem coisa que dói muito mais”, – (MSCa), ou seja, a dor da alma é maior que a dor física.

As últimas palavras de Irene, antes de ser colocada na ambulância, referem-se ao corpo familiar, quando a personagem, na narrativa, sussurra: –

“Família de tarado...” – (MSCa) que representa o seu mundo, seu ambiente, sua condição humana, seu pertencimento.

Judith Butler, em sua obra **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética (2017), defende que “nossa capacidade de afirmar o que é contingente e incoerente em nós pode permitir que afirmemos outros que podem ou não “espelhar” nossa própria constituição” (p. 59), possibilitando o reconhecimento recíproco, que segundo a autora é “ver que o outro é como eu e ver que o outro está fazendo o mesmo reconhecimento da nossa semelhança” (BUTLER, 2017, p. 59). E logo depois das palavras de Irene, que definem sua identidade, ela calou-se e fechou os olhos, fato que não evidencia a morte, mas o silêncio do corpo. – “E se sentiu muito leve, quando os enfermeiros a alçaram para dentro da ambulância” – (MSCa). Diante de tais circunstâncias narrativas, é possível afirmar que o corpo da personagem Irene termina dócil, domado, paralisado.

No conto **Suicídio**, a morte é algo almejado pela personagem Claudelis, planejado como fuga da realidade vivida e que não foi concretizada. Apesar de pertencer a uma realidade social favorável, Claudelis era infeliz. Sentia-se sozinha. A ausência da família favoreceu a tentativa de matar-se, porém, a empregada livrou-a dessa mazela. Neste conto, a figura da mulher pobre, negra, feia, de classe social desfavorecida é quem impede a tragédia, porém, isso não a faz um ser melhor diante dos olhos da moça rica e bela. Pelo contrário, Claudelis sente um profundo desprezo por Joaquina, a empregada doméstica. A hostilidade pode ser observada no momento em que as personagens se encontram após o acontecido.

- Minha filha, você não sabe quem está aqui?...

Claudelis voltou o rosto abatido no travesseiro, esperando.

Plantada na porta, os olhos cheios de emoção, estava a Joaquina. Era ela! A mulher que a salvou. A mulher que saiu gritando pela rua chamando o Pronto Socorro.

- Você não diz nada, minha filha? É a sua amiga. Ela salvou sua vida.

Claudelis pensou nos próximos dias vazios, quantos e quantos seriam? Trezentos e sessenta e cinco vezes quantos? E quantos domingos e feriados? E férias? Pensou que seria bom voar no pescoço daquela negra filha da puta. Mas ela esperava, ainda na porta, inchada de alegria, pela boa ação praticada. Os olhos até brilhavam.

Claudelis se voltou de manso e lhe sorriu (MSCa).

Joaquina, a empregada, acreditava ter realizado uma atitude nobre ao salvar a vida da patroa. No entanto, apesar de manter a frieza do semblante, representado por um sorriso, Claudelis odiava Joaquina por sua atitude que a impediu de concretizar o suicídio. Para Butler (2017), “Quando pedimos para conhecer o outro, ou pedimos para que o outro diga, final ou definitivamente, quem é, é importante nunca esperar uma resposta satisfatória” (Butler, 2017, p. 61). Na situação relatada no conto, Joaquina esperava um reconhecimento por parte da patroa, ou seja, uma resposta satisfatória diante da sua atitude, porém Claudelis no seu íntimo, não tinha um julgamento positivo, no entanto, preferiu manter as aparências e deixar Joaquina acreditar que havia agido corretamente para que, daquele momento em diante, tudo permanecesse como antes, pois ainda de acordo com Butler,

Quando não buscamos a satisfação e deixamos que a pergunta permaneça aberta e perdure, deixamos o outro viver, pois a vida pode ser entendida exatamente como aquilo que excede qualquer relato que dela possamos dar. Se deixar o outro viver faz parte da definição será baseada mais na apreensão dos limites epistêmicos do que no conhecimento (2017, p. 61).

Manter o silêncio era uma forma de Claudelis preservar a superioridade perante a empregada e deixar que a mesma acreditasse que sua atitude tinha sido louvável. A representação do corpo de Claudelis começa na horizontal e termina na horizontal. É o corpo domado, educado e que mantém as aparências e o autocontrole até nos momentos de raiva por não conseguir concluir seu ideal de morte. Retomando Foucault, “nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder...” (FOUCAULT, 2019, p. 237). Para o autor, antes de discutir questões ideológicas, seria mais materialista estudar a questão do corpo, dos efeitos do poder sobre ele. A partir desse pensamento filosófico, entende-se que Claudelis representa através da postura corporal a atitude de superioridade em relação a sua subordinada.

Finalizando, a partir da leitura crítica dos contos manuscritos **As duas faces** e **Suicídio** de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, pôde-se refletir sobre a representação da identidade social construída pela representatividade da

performance do corpo e da alteridade que as personagens Irene e Claudelis constroem a partir das relações que estabelecem com o outro e com elas mesmas.

O diálogo proposto entre as duas narrativas curtas da escritora mineira, Maria de Lourdes, suscitam o pensamento a respeito do corpo feminino vivo cuja materialidade revela uma classe social e os reflexos do cotidiano de cada uma das personagens que contribuem para que elas busquem no outro o que falta em cada uma delas. Assim como a questão da morte como uma possibilidade de resolver os conflitos interiores, mesmo que não concretizada, continua demarcando a ideia de pertencimento e de identidade.

Pode-se inferir que, por meio das personagens ficcionais, a autora representa uma situação consistente de construção da identidade de classes demarcadas pelo corpo ativo ou inerte. Irene e Claudelis são a representação da figura da mulher, um ser humano que convive em sociedade, julgadas pela aparência física e comportamental a partir de padrões pré-estabelecidos socialmente que as tornam infelizes e insatisfeitas, projetando na presença do(s) outro(s) um ideal de felicidade ou esperando que a morte seja a solução para o corpo que padece.

BODY AND PERFORMANCE BUILT ON ALTERITY: STUDY OF THE UNPUBLISHED TALES OF MARIA DE LOURDES ABREU DE OLIVEIRA

ABSTRACT

The study of literary texts provides a critical approach to human behavior in a given social context. The objective of this text is to understand how the author Maria de Lourdes Abreu de Oliveira's narrative (1934-) enunciates a socially constructed female body and questions death as a possibility of liberation from her manuscript and unpublished tales: *The two faces* and *Suicide*. The theoretical basis of this study is based mainly on the considerations of Zygmunt Bauman, Michael Foucault, Elodia Xavier, Kathyn Woodward, Judith Butler, in addition to other theorists who dialogue with the topic in question. As one of the results of the dialogue between the two texts cited, it is clear that the otherness present in the

stories is in the other's female body and also in the family body. With regard to the inertia of the performing body as a representation of unrealized death, in both texts, we seek to understand that even inert bodies would not yet be freed from a social judgment. The article will be divided into two parts: Body and life and Body and death. The first will focus on the female body as a symbolic construction of society, based on the representativeness of the main characters in the stories, as well as the interference of the other in their lives for the construction of identity. The second part will discuss death as a possibility of liberation and the body as a representation of the matter that bears the marks of the social condition experienced by the teenager Irene from the short story *The Two Faces* and by the woman Claudelis from the short story *Suicide*.

KEYWORDS: Body and performance. Literary manuscript. Tale. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Cartografias contemporâneas:** espaço, corpo, escrita. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. p. 95-140.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRITO, Augusto Cesar Luiz; MOKARZEL, Marisa de Oliveira; CORRADI, Ana Laura. O arquivo enquanto lugar da memória e sua relação com a identidade. **Ágora**, ISSN 0103-3557, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 158-182, jan./jun., 2017.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo:** crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos:** teoria social, antirracismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 2002.

FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. In: MACHADO, Roberto (Org.) **Microfísica do poder.** 9.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 234-243.

GONÇALVES, Emânia Aparecida Rodrigues de. **Antigamente no porão: o manuscrito e o impresso** – uma questão de variantes. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. **Colar de contos premiados: Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, um olhar crítico genético**. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **As duas fases**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, 1960. Não paginado. Manuscrito. MSCa.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Antigamente, no porão**. Edições Bloch, 1969.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Suicídio**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, 1980. Não paginado. Manuscrito. MSCb.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **O menino da ilha**. 2ª ed. Juiz de Fora: Editora Franco, 2010.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Os sete desafios no outro lado da ilha**. Juiz de Fora: Franco editora, 2017.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **O garoto que tinha asas nos pés**. Paraty: Selo Off Flip, 2018.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?: O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

WOODWARD, Kathyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 7-71.